

"A política econômica não..."

por Angela Bittencourt
de São Paulo
(Continuação da 1ª página)

a vista e lembrou que o resultado da política monetária dos últimos meses — quando comparada com inflação ainda elevada — já significa sozinho dinheiro a menos na economia.

O índice de liquidez, que espelha a disponibilidade de moeda sobre a variação dos preços na economia, cai automaticamente quando a oferta monetária não cresce mas os preços sobem.

Esta relação inibe uma queda vigorosa das taxas de juro. "Não podemos esperar que os juros não subam em clima de inflação entre 12 e 13% ao mês e expansão monetária perto de zero. Certamente também não precisamos conviver com juros em torno de 100% reais."

Eris destaca que o diferencial de taxas estabelecido entre os títulos públicos e privados nas últimas se-

manas pode ser considerado o melhor exemplo de que a política monetária caminha nos trilhos e que houve uma migração de moeda dentro do sistema financeiro, na medida em que os juros praticados sobre os papéis federais — contabilizados no Selic — ficaram bem abaixo dos títulos bancários.

"PINGO D'ÁGUA"

O presidente do Banco Central não tem dúvida de que o nível dos juros e a administração da política monetária mantêm relação estreita com a atividade econômica, mas considera um exagero atribuir à taxa de juro tudo o que acontece na economia. Quanto ao processo de concordatas que afligiu o mercado nas últimas semanas, Eris disse que faz das palavras do jovem empresário Ricardo Semler — eleito como líder empresarial pela revista Balanço Anual — suas próprias palavras.

INFLAÇÃO VIGIADA

A equipe econômica reforça as metas monetárias como base bem-sucedida do programa de estabilização da economia observando com atenção o comportamento dos preços. Eris constata que o País enfrenta uma crise externa de proporções extraordinárias, mas alerta para o fato de que não é apenas o Brasil que atravessa dificuldades com o aumento dos preços do petróleo. "A inflação vem subindo a nível internacional e nós enfrentamos

efeitos combinados, de alta de preços dos derivados e também do impacto cambial."

O presidente do Banco Central pondera que o quadro cambial no Brasil mudou completamente e revela que "a necessidade de dólares pela Petrobrás para fazer frente às importações subiu de algo entre US\$ 300 milhões e US\$ 350 milhões por mês para US\$ 700 milhões a US\$ 750 milhões. A Petrobrás precisa de mais dólares e estes dólares — cerca de US\$ 400 milhões — ficam faltando no mercado".

Tranquilo — mas absolutamente atento aos movimentos de todos os indicadores e compartilhando as análises com a ministra da Economia —, Ibrahim Eris reconhece o peso dos transportes públicos sobre a inflação. "A prefeitura de São Paulo, por exemplo, decidiu um aumento de tarifas da ordem de 100% em cerca de vinte dias", contabiliza.

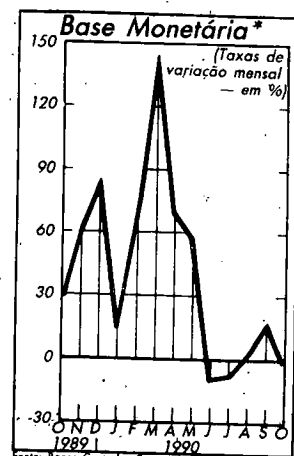
O presidente do BC admite mecanismos de indexação automática na economia brasileira que podem alimentar os preços, gerar mais aperto monetário e queda da atividade econômica.

"A política econômica não muda"

por Angela Bittencourt
de São Paulo

"A política econômica não muda. A política monetária também não, e teremos muito cuidado para não cometer desvios de rota nestes últimos meses do ano." A garantia foi dada, ontem, pelo presidente do Banco Central, Ibrahim Eris, que passou a tarde com a ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, analisando a conjuntura econômica brasileira.

Um dado considerado absolutamente relevante pelo presidente do BC foi abordado: a queda de 0,2% da base monetária medida ponta a ponta no final de outubro. Na média dos saldos diários, a base monetária — que corresponde ao papel-moeda emitido mais reservas bancárias — acusou aumento de 5,9%. Esse resultado é expressivo e confirma a excepcionalidade do comportamento dos agregados monetários em setembro, quando a base monetária sofreu expansão



Fonte: Banco Central e Centro de Informações do Mercado Financeiro
* Pelo critério ponta a ponta

de 17,9%, explica Eris. O presidente do Banco Central está particularmente atento a períodos mais amplos de tempo e constata que, ao contrário do que foi interpretado, não é possível imaginar que o País está convivendo com descontrole monetário. "Do final de maio ao final de outubro, portanto em cinco meses, a queda da base monetária é de exato 0,2% e comportamento semelhante só foi observado em igual período em 1946", comenta.

De acordo com os dados divulgados ontem pelo BC, o saldo da base monetária no final de outubro totaliza Cr\$ 919,84 bilhões, ante Cr\$ 921,38 bilhões no final de setembro, que acusava empate técnico com o saldo de 31 de maio, de Cr\$ 921,52 bilhões, mesmo com a expansão vigorosa de quase 20%

do papel-moeda emitido para atender à demanda do público, que preferiu manter dinheiro no bolso para enfrentar dois feriados e a greve dos bancários.

O presidente do Banco Central insiste em que a política monetária fica como está. "Nós faremos um esforço para neutralizar o efeito da expansão de setembro, mas ela ocorreria fatalmente na medida em que, ao mudar a base de recolhimento compulsório dos bancos comerciais, trouxemos para o claro dados que estavam ocultos", comenta.

De fato, a partir de setembro a base de recolhimento do compulsório — que abrangia basicamente os depósitos a vista — foi estendida ao dinheiro em trânsito pelo sistema bancário e saldos de cobrança.

Eris esclareceu que não existe aperto monetário adicional.

(Continua na página 19)

Técnicos da área econômica, segundo relata a editora Claudia Safatle, acham que é possível chegar à meta de superávit fiscal de 0,47% do PIB em 1990, em termos operacionais (excluindo correções monetária e cambial dos financiamentos). Mas admitem dificuldades para fechar o exercício fiscal de 1991 em equilíbrio, já que o Plano Collor não trouxe mudanças estruturais ao orçamento.

(Ver página 6)